



III Seminário Internacional de História e Educação: Democracia e Cidadania em Tempos de Neoconservadorismo

CEEINTER
CENTRO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES

O ENSINO DE HISTÓRIA COMO INSTRUMENTO DE EMANCIPAÇÃO SOCIAL: UM ESTUDO DE CASO EM UMA ESCOLA DE PARINTINS/AM

Irian Butel¹
Tobias Vilhena de Moraes²

Resumo: O presente trabalho resultado de uma intervenção pedagógica através do projeto intitulado Expressões Visuais dos povos da Amazônia e tem como principal objetivo, apresentar o desenvolvimento, execução e os resultados do projeto pedagógico no ensino de História voltado aos alunos do ensino fundamental II. O referido projeto foi desenvolvido com alunos matriculados em uma escola de ensino público na cidade de Parintins no estado do Amazonas. Durante a projeto temas como memória e patrimônio foram trabalhados de maneira multidisciplinar, envolvendo os professores de diversas áreas do conhecimento, que em contato constante com os alunos, suas famílias e a comunidade puderam desenvolver um exercício de multivocalidade em defesa da cultura amazônica e do seu passado ancestral.

Palavras-chave: Ensino de História; Patrimônio cultural; Arte; Multivocalidade.

INTRODUÇÃO

A ação pedagógica denominada **EXPRESSÕES VISUAIS DOS POVOS DA AMAZÔNIA**, se insere no projeto interdisciplinar **QUINTAL SOCIAL – MOSAICO DE SABERES**, executado dentro da Escola Estadual São José Operário, da cidade de Parintins no estado do Amazonas. O referido trabalho foi elaborado a partir de uma iniciativa de cunho pedagógico dentro do núcleo afro-indígena escolar e foi desenvolvido pela professora Irian Butel.

Ressaltamos que temas como memória e patrimônio foram trabalhados de maneira multidisciplinar, envolvendo os professores das seguintes áreas do conhecimento: Michele Souza – Ciências, Francimary Bentes – Língua Portuguesa, Andréa Vieira – Matemática e Irian Butel – História, que estão em contato constante, com os alunos e a comunidade envolvidos em um exercício de multivocalidade em defesa da cultura amazônica.

Envolve a área de conhecimento de humanas por meio do componente curricular História, e teve como objetivo compreender os aspectos históricos, míticos e lendários das construções do imaginário indígena na Amazônia, trabalhando de forma prática com técnicas da confecção de cerâmica e grafismo; promovendo a pesquisa das representações visuais,

¹Membro do Grupo de Pesquisa em culturas Indígenas, Repertórios Afro-Brasileiros e Populares – Grupo Gira. Historiadora e Professora na Coordenadoria Regional de Parintins – SEDUC/AM. E-mail: butelirian28@gmail.com

²Pós-doutorado Unicamp, Museu Lasar Segall/IBRAM. E-mail: tovilhena@yahoo.com.br



III Seminário Internacional de História e Educação: Democracia e Cidadania em Tempos de Neoconservadorismo



culturais, religiosas, linguísticas, referências geográficas e a reivindicação pelo reconhecimento social e político dos povos indígenas da Amazônia e em busca de sua valorização entre os moradores locais.

Para tanto o projeto de intervenção construiu sua metodologia referenciado em projetos integradores, reunindo as áreas do conhecimento para assim construir um processo de pesquisa que estimulasse sempre a formação intelectual dos educandos, bem como sua formação social.

Neste sentido, a disciplina História foi colocada como a principal protagonista no processo de ensino aprendizagem, sempre em conjunto e em colaboração com os núcleos de conhecimento de Artes, Cultura, Artesanato, Matemática, Geografia, Ciências e Língua Portuguesa.

Foram construídas ainda parcerias com a comunidade, as famílias dos alunos e instituições de ensino superior presentes na cidade, o que muito contribuiu para o desenvolvimento e construção de práticas pedagógicas eficazes dentro e fora da sala de aula.

Toda a ação buscou seguir as determinações da Lei n. 11.645 de 10 de março de 2008, que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e que inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

O contingente de brasileiros que se considerava indígena cresceu 150% na década de 90. O ritmo de crescimento foi quase seis vezes maior que o da população em geral. O percentual de indígenas em relação à população total brasileira saltou de 0,2% em 1991 para 0,4% em 2000, totalizando 734 mil pessoas (FUNAI, 2023). Povos estes com as mais diversas situações de relação e contato com as sociedades não indígenas, e que enfrentam diversos ataques aos seus costumes tradicionais.

Diante de um cenário excludente a educação escolar formal é uma das portas para compreender e refrear os processos de anulação cultural, política e social, ao permitir que identifiquemos a diversidade cultural existente em uma sociedade plural.

Os assuntos relacionados, trabalhados e estudados em sala de aula durante o projeto variam entre a observação dos processos de negação de identidade social e a perda dos laços



III Seminário Internacional de História e Educação: Democracia e Cidadania em Tempos de Neoconservadorismo



culturais tradicionais, que permitem que eles se reconheçam a partir de seus vínculos étnicos e comunitários.

Todas as áreas do conhecimento são fundamentais para construção dos saberes, cada objetivo tem sua relevância social. Desta forma é papel da escola, como instituição do ensino formal científico sistematizado, atuar na formação cidadã da comunidade escolar, proporcionar-lhes acesso ao conhecimento, criticidade e formação humana para um convívio em sociedade saudável e produtivo.

SITUAÇÃO-PROBLEMA

Durante muito tempo de atuação docente, chegou-se à conclusão que o tema relacionado aos indígenas (povo e cultura) é abordado de forma superficial ou mesmo inexistente. Poucas vezes o assunto é tratado em sala de aula e com frequência a abordagem caracteriza o indígena como uma pessoa distante no tempo e no espaço, tendo pouco a ver com a história e a cultura do Brasil. Partindo desta premissa propomos alguns questionamentos:

Você conhece as etnias indígenas existentes na Amazônia? Você sabe quantas etnias indígenas residem em núcleos urbanos? Você identifica a presença da cultura indígena em seu cotidiano? Você sabe o que é um sítio arqueológico? O que é a cultura material e o que ela tem a ver com o nosso passado? Existem sítios arqueológicos na Amazônia? Existem sítios arqueológicos em Parintins?

O público alvo de trabalho do projeto foram os estudantes do 6º ano/Matutino da E. E. São José Operário.

OBJETIVO GERAL

Compreender os aspectos históricos, míticos e lendários das construções do imaginário indígena na Amazônia; conhecer as técnicas da cerâmica e grafismo; promover a pesquisa das representações visuais, linguísticas, culturais, religiosas, referências geográficas e sua reivindicação pelo reconhecimento social e político dos povos indígenas da Amazônia.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS



III Seminário Internacional de História e Educação: Democracia e Cidadania em Tempos de Neoconservadorismo



- Conhecer o período de surgimento e produção da cerâmica;
- Identificar a diversidade de narrativas mitológicas (mito de criação) dos povos indígenas e sua respectiva compreensão de mundo;
- Experimentar a produção de pigmentos a partir de elementos naturais;
- Compreender os significados da pintura corporal para as sociedades em suas variadas culturas e grupos sociais.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Utilizamos como referencial teórico aqui a teoria de projetos integradores/metodologia ativa, considerando a Base Nacional Comum Curricular - BNCC em conjunto, formando assim a linha mestra das atividades desenvolvidas.

Por sua vez, para cada ação, elaboramos um roteiro específico de planejamento e estudo para cada oficina aplicada. Assim a oficina de mito de criação se fundamentou nos registros da FUNAI disponibilizados em <https://www.gov.br/funai/pt-br>.

Quanto à oficina de cerâmica, tomamos como bússola o trabalho desenvolvido pelo Laboratório de Arqueologia Pública Paulo Duarte (LAP/UNICAMP) nos anos de 2010 e 2017, acrescentando a metodologia visita técnica ao sítio arqueológico do Macurany com o objetivo de aproximar os alunos dos conceitos de patrimônio histórico. Atividade foi realizada sob a supervisão Prof. Dra. Clarice Bianchezzi (CESP/UEA).

Posteriormente, a oficina de produção de pigmentos naturais resultou na execução visual dos Grafismos indígenas. Aqui, o referencial utilizado foi o estudo publicado pela Funarte denominado Arte e corpo: Pintura sobre a pele e adornos de povos indígenas brasileiros. (FUNARTE, 1985).

Sempre levando em conta as habilidades e conteúdos relacionados aos componentes curriculares integrados na proposta (competências cognitivas) e as habilidades socioemocionais (OLIVEIRA, 2018).

Ao longo de todo processo, trabalhamos os processos-chaves do pensamento histórico que serão importantes para o desenrolar das atividades. Tentamos desde o início oportunizar



III Seminário Internacional de História e Educação: Democracia e Cidadania em Tempos de Neoconservadorismo



para crianças pequenas a se relacionarem com o passado por meios que reflitam a pesquisa histórica.

Por exemplo, discutimos as causas e os efeitos das mudanças ao longo do tempo e fazemos exercícios de inferências a partir de fontes históricas e do patrimônio arqueológico de forma a facilitar o processo de busca de entendimento sobre o passado. Todo este processo acontece através da apresentação do vocabulário especializado, explicado pouco a pouco aos alunos.

A História é considerada aqui uma dimensão fundamental no processo de formação dos anos iniciais da educação. Para tanto, acreditamos como a pesquisadora Hillary Cooper (2006) que o conhecimento deve ser tratado a partir das múltiplas perspectivas em um processo significativo para as crianças.

PARINTINS EM SEU CONTEXTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO

É necessário reafirmar que as terras que hoje se assenta o estado brasileiro, são originariamente dos povos indígenas e as escritas/discursos/narrativas históricas perpassam inicialmente pela voz do colonizador, mas que em tempos atuais existe um esforço de reconhecimento e identificação dos saberes e fazeres tecnológicos destes povos que foram silenciados ao longo do tempo.

A cidade de Parintins se alicerça nesses dois espaços: voz e silêncio. A voz que constrói a narrativa de organização de um núcleo social urbano é a voz dos documentos redigidos pelos colonizadores. E o silêncio que pretendemos romper está sendo escrito por meio de trabalhos de pesquisa arqueológica, de mapeamentos patrimoniais materiais e imateriais.

Ao localizar Parintins, destacamos que está a 370 quilômetros de distância da capital Manaus. Geograficamente apresentamos os seguintes dados:

O município de Parintins está situado na parte oriental do Estado do Amazonas, sendo atravessado pelo grande rio, no sentido geral de O-L. (...) A zona setentrional abrange a bacia do rio Nhamundá, em toda a sua margem direita, pois que a outra pertence já ao Estado do Pará, a contar do rio principal e do paraná do Bom Jardim, para Leste. (BITTENCOURT, 18-19)



III Seminário Internacional de História e Educação: Democracia e Cidadania em Tempos de Neoconservadorismo



A hidrografia do município de Parintins é composta por afluentes do rio Amazonas, desta forma o município é recortado em duas partes: À margem direita do rio Amazonas estão os rios: Andirá, Uaycurapá, Mamurú, Mariacuan, Juruty, Parananêma, Mariacuanzinho; Paraná: Do Ramos ou Tupinambarana, do Limão de Parintins e Limãozinho; Lagos: Uaycurapá, Mamurú, Tracajá, Máximo, José-miri, Zé Assú, Limão, Muiratinga, Aninga, Jacaré, Rodrigues, Piranhas, Garças, Umbellina, Mirity, Tucunaré, Valente, Alexandre, Inácia, Cafagé, Macurany, Parananema e Francesa. (BITTENCOURT, 23)

Destacamos as ilhas que compõem o arquipélago de Tupinambarana que são: Tupinambarana, onde está a cidade de Parintins, Ciganas, entre o paraná do mesmo nome e o rio Amazonas, Parintins, formada pelo paraná deste mesmo nome e o rio Amazonas, Xibury, circundada pelo igarapé deste nome e o rio Amazonas, Urubu, Ceará e Cotias ou Affonso de Carvalho, no Nhamundá, próximo a margem direita, máximo e caripuna, no paraná do Ramos, Onças, Meio e Arco, circundadas pelos paranás do Arco e Mocambo e o Rio Amazonas. (BITTENCOURT, 24)

Em termos demográficos, a população alcança o quantitativo de 116.439 pessoas, segundo os dados do IDH (Índice de Desenvolvimento Humano). Em termo de educação, o município registra o IDEB de 4,9 para os anos finais do ensino fundamental da rede pública de ensino, dados registrados em 2021. (Disponível em: cidades.ibge.gov.br)

Parintins possui o título de Capital Nacional do Boi-bumbá, pela Lei Federal de 2017, diante de um convívio estreito com a arte em suas mais variadas expressões, se faz necessário interpretar o alcance de resultados que materializam a pesquisa e a estética com base nas vivências que cada aluno traz para o universo da sala de aula.

METODOLOGIA

O método de trabalho aplicado se baseia na pedagogia ativa por meio da aplicação de projetos integradores, que se fundamenta no desenvolvimento de competências e habilidades, na utilização de diversas fontes de pesquisa, na apresentação dos resultados para a turma e/ou para a comunidade escolar.

As ações propostas foram desenvolvidas com os alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II, vinculadas a sequência didática Povoadores da Terra, Povoadores da



III Seminário Internacional de História e Educação: Democracia e Cidadania em Tempos de Neoconservadorismo

CEEINTER
CENTRO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES

América e Povos da Amazônia. O que implica compreender a construção do conhecimento histórico e o manuseio das fontes orais, visuais e escritas de forma concreta.

Nos espaços criados, as crianças formularam hipóteses, avaliaram, sustentaram ideias e as questionaram com reflexões e argumentos, sempre ouvindo os outros e reconhecendo que, às vezes, não há respostas corretas.

Importante ressaltar que o contexto familiar foi valorizado nestas discussões, pois a espacialidade do município (uma ilha) favorece uma discussão sobre as causas e efeitos de mudanças no território ao longo do tempo. Sem contar que nos permitiu fazer inferências sobre a vasta gama de fontes utilizadas (arqueológicas, artísticas, históricas, etc.), todas elas permitindo, refletir, construir e comparar as diferentes análises sobre o nosso passado e em especial sobre o passado amazônico.

Neste processo, consideramos a educação patrimonial como um método adequado na orientação do professor para o planejamento de suas ações pedagógicas (HORTA, 2003; PACHECO, 2017). O objeto cultural (no caso, o sítio visitado e os artefatos) é explorado em quatro etapas, organizado ao longo do ano letivo:

- Observação: com a percepção sensorial dos objetos;
- Registro: com a anotação das informações dos objetos observados;
- Exploração: com a pesquisa sobre os objetos e visita ao sítio;
- Significação: com a apropriação dos significados atribuídos aos artefatos.

O processo criativo dos alunos foi alimentado por referências textuais e visuais e ganham personalidade visual por meio das expressões artísticas como pintura e desenho. Assim, unimos os saberes técnicos oriundos de um processo de leitura e pesquisa de fontes, aos conceitos socioambientais de produção limpa. Buscou-se trabalhar a importância e a necessidade de reutilização de resíduos sólidos, assim o papelão é o suporte que abriga desenhos e grafismos em uma ressignificação de um resíduo que seria descartado na natureza.

O projeto se constitui das seguintes fases:

- **Etapas/fase 1.** Pesquisa/estudo de conteúdo;



III Seminário Internacional de História e Educação: Democracia e Cidadania em Tempos de Neoconservadorismo



- **Etapa/fase 2.** Formação/oficinas de produção visual nesta fase contamos com a parceria das professoras Michele Souza/Ciências – E.E.S.J.O. e Clarice Bianchezzi/CESP-UEA.
- **Etapa/fase 3.** Exposição e divulgação de resultados à comunidade escolar, bem como a busca por espaços de publicação acadêmica científica dos impactos gerados pelo projeto. Nesta fase contamos com a parceria do historiador Tobias Vilhena – IBRAM/Museus Lassar Segall na construção de recursos multiplicadores da metodologia aplicada, bem como no fortalecimento dos diálogos entre profissionais de História para o fortalecimento dos recursos didáticos para o ensino de História.
- **Etapa/fase 4.** Elaboração de relatório de atividades. Desta forma buscando estabelecer parcerias com a comunidade e instituições de ensino superior no/para desenvolvimento e construção de práticas pedagógicas eficazes dentro e fora da sala de aula.

Cada fase trabalha com argumentos específicos em teoria e prática, desta forma é possível alcançar os objetivos e metas estabelecidos no planejamento das ações.

RESULTADOS E DISCUSSÕES SOBRE AS ATIVIDADES

ARQUEOLOGIA UMA ATIVIDADE DIVERTIDA

Conforme defende Funari (2003), a Arqueologia se caracteriza como uma ciência que se debruça sobre o estudo da materialidade elaborada pelas sociedades humanas como um dos aspectos de sua cultura – em sentido amplo – sem limitar-se ao caráter cronológico. A Arqueologia, portanto, é uma das disciplinas científicas que estudam as relações entre cultura material e sociedades estabelecidas na longa duração.

Para tratar sobre arqueologia com alunos do 6º ano fizemos uso do material didático ARQUEOLOGIA – UMA ATIVIDADE MUITO DIVERTIDA do Laboratório de Arqueologia Pública Paulo Duarte, que fundamentou a aula passeio ao sítio arqueológico do Macurany, visita guiada pela professora Clarice Bianchezzi do curso de Licenciatura em História da CESP/UEA, doutora em Antropologia, com pesquisa destinada aos sítios arqueológicos.

Para materializar o aprendizado utilizamos o recurso pedagógico denominado Diagrama Visual, com objetivo de estimular a percepção, pesquisa, capacidade de síntese e



III Seminário Internacional de História e Educação: Democracia e Cidadania em Tempos de Neoconservadorismo



organização estética do conteúdo aplicado. O diagrama visual é uma técnica de estímulo ao pensamento criativo. A maioria das pessoas associa a criatividade a habilidades como pintar, cantar ou escrever, mas alguém que não domina essas técnicas também pode ser um pensador criativo. Como? O pensamento criativo é o processo de chegar a algo novo; olhar para uma situação problema e encontrar uma solução inovadora; é um estímulo a iniciativa pessoal e coletiva. O pensamento criativo pode ser desenvolvido com a prática e é acessível a todos.



Visita de campo ao sítio arqueológico do Macurany – Parintins/AM. Mediadora Dra. Clarice Bianchezzi.

Foto: Michele Souza.

Oficina de pesquisa e produção visual - Diagrama visual. Mediadora Irian Butel.

Foto: Irian Butel.



MITOS DA CRIAÇÃO EM STORYBOARD

Este módulo é composto por duas linguagens: tradição oral e comunicação visual. Conceitualmente, os mitos são narrativas que traduzem o modo de viver e de pensar de um povo, sociedade, etnia. São eles que dão significados ao presente com base no que foi aprendido anteriormente, repassado de geração a geração por meio da contação de histórias. Expressam a vida social, os rituais, assim carregam em si a diversidade cultural dos povos e suas respectivas formas de compreender a vida, o tempo, o espaço.



III Seminário Internacional de História e Educação: Democracia e Cidadania em Tempos de Neoconservadorismo

CEEINTER
CENTRO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES

Para traduzir os mitos de criação dos Povos da Amazônia, utilizou-se o recurso do Storyboard, uma ferramenta de organização visual das ideias, muito comum no planejamento de vídeos e histórias em quadrinhos.

Neste contexto, o desafio era traduzir em imagens os mitos de criação dos povos SATERE MAWE, TIKUNA, KANAMARI, TEMBÉ, TAUREPANG, DESSANA sem utilizar qualquer tipo de comunicação verbal.

Os grupos realizaram a pesquisa textual e escolheram as formas geométricas e o estilo de ilustração de seus respectivos temas. Os materiais utilizados nesta criação foram: papel A4, barbante cru, cola branca, lápis de cor, pincel atômico, giz de cera e papelão – o uso do papelão como suporte, traduz a concepção de reutilização dos materiais descartáveis e assim reduzir seu descarte na natureza.



Oficina de pesquisa e produção visual – Storyboard. Mediadora Irian Butel. Foto: Irian Butel.

GRAFISMO – A ESCRITA SAGRADA

Este módulo se constrói em duas fases de extrema importância:

1º fase: oficina de produção de pigmentos naturais ministrada pela professora Michele Souza, a qual atua com o componente curricular de Ciências. Na ocasião foram produzidos pigmentos a partir do carvão, açafrão, colorau, argila vermelha, argila marrom.

2º fase: Esta etapa é constituída da oficina de pesquisa e produção visual e para qual foi utilizado o livro Arte e corpo: Pintura sobre a pele e adornos de povos indígenas brasileiros (Funarte 1985). Os grupos escolheram as etnias a serem representadas em telas cujo tema é o grafismo.



III Seminário Internacional de História e Educação: Democracia e Cidadania em Tempos de Neoconservadorismo

CEEINTER
CENTRO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES

Em muitas sociedades indígenas, a decoração do corpo confere ao homem a sua dignidade humana, o seu ser social, o seu significado espiritual e identidade grupal. A decoração é concebida para o corpo, mas o corpo só existe através dela. Essa dualidade corpo – forma plástica – e grafismo – comunicação visual – expressa uma dualidade mais profunda – a do indivíduo e a da personalidade social que deve encarnar. Entendia assim, a decoração é a projeção gráfica de uma realidade de outra ordem (FUNARTE, 1985).

Diante destes referenciais os alunos produziram telas com inspiração nos grafismos dos povos indígenas. O objetivo dessa oficina não restringe a pintura pela pintura, mas agregar saberes de produção de pigmentos naturais, a exemplo do fazer dos povos indígenas, a compreensão dos padrões gráficos nas construções das representações sociais e religiosas, bem como a reutilização de materiais para fins criativos. Assim, foram produzidas seis telas que ilustram o grafismo ASURINI, JURUNA, WAIÃPI, BANIWA, KAYAPÓ.



Oficina de produção de pigmentos naturais. Mediadora Michele Souza. Foto: Irian Butel.

Oficina de pesquisa e produção visual - Grafismo
Motivo Kuiapei. Pigmento Natural: Açafraão.
Butel. Foto: Irian Butel



Assurini –
Mediadora Irian



III Seminário Internacional de História e Educação: Democracia e Cidadania em Tempos de Neoconservadorismo

CEEINTER
CENTRO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES

CERÂMICA – HISTÓRIA MOLDADA

A coleção é composta por 37 peças produzidas a partir da oficina de cerâmica ministrada pela professora mestra Clarice Bianchezzi do curso de Licenciatura em História da CESP/UEA, teve como colaboradores os acadêmicos do curso de História do CESP/UEA Alef Fernandes Cruz, Arnoud de Oliveira Batista Filho e do curso de Matemática do CESP/UEA David Carvalho Machado. Ação direcionada aos alunos do 6º ano 1 e 2 da escola Estadual São José Operário. A oficina é um desdobramento da aula passeio ao sítio arqueológico do Macurany – Parintins/Am e se dividiu em três fases: modelagem, polimento, decoração (incisão e pintura).

O objetivo se fundamenta na construção da compreensão sobre as técnicas e saberes dos povos originários, reconhecer espaços de valor patrimonial e perceber o tempo de trabalho e produção de um artefato, bem como a matéria-prima e suas misturas empregadas e o conjunto de técnicas e instrumentos usados neste processo do saber fazer passado de pessoa a pessoa ao longo do tempo (do vestígio arqueológico a atualidade).

Fugimos assim daquela interpretação anacrônica que busca inferiorizar os povos do passado por não buscarem riqueza como acontece na sociedade capitalista contemporânea em que acumular bens e riquezas são incentivados, mesmo sendo algo irreal para boa parte da população mundial. Os valores do passado devem ser enxergados a partir dos interesses e busca dos povos a cada momento histórico (FUNARI in PINSKY & PINSKY, 2021).

A cerâmica é um dos vestígios da presença de povos ancestrais na Amazônia. Na região do Baixo Amazonas, em particular em Parintins, destacam-se algumas indústrias cerâmicas denominadas: pocó, açutuba e konduri. Os fragmentos encontrados apresentam padrões gráficos, pinturas e formas diferenciadas como: panelas, assadores, torradores, urnas funerárias, utensílios de diversos usos. Escolhemos fazer o chocalho na moldagem com os estudantes, porque este objeto requer as principais técnicas: moldagem, secagem, polimento e decoração, sendo a etapa final a queima.

O resultado direto agrega também, em suas incisões e pinturas, outros conteúdos abordados em sala de aula, bem como o referencial visual adquirido por meio da aula passeio.



III Seminário Internacional de História e Educação: Democracia e Cidadania em Tempos de Neoconservadorismo

CEEINTER
CENTRO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES

Os resultados indiretos direcionam para as percepções do grau de habilidade exigido para realização da tarefa de moldar, bem como nos apresenta a compreensão de que ao moldar a argila estamos moldando, também, a história usando as mãos.



Oficina de cerâmica – fase de modelagem. Mediadora Dra. Clarice Bianchezzi. Foto: Raimundo Felipe

Desta forma, caracterizamos a riqueza amazônica a partir dos seus remanescentes materiais. Buscamos assim fugir da análise etnocêntrica que frequentemente insiste em classificar o passado amazônico como um imenso vazio, pobre culturalmente e fadado por uma eterna incompletude: sem história, cidades, escrita, etc (NEVES, 2022).

Ao mesmo tempo, destacamos que no passado pré-histórico os indivíduos e a sua coletividade caçavam e coletavam para usufruir e sobreviver, algo bem distante da realidade capitalista contemporânea em que a valorização social se dá pelo acúmulo de capital (FUNARI in PINSKY & PINSKY, 2021).

DOS
PARA A



EXPOSIÇÃO
RESULTADOS
COMUNIDADE

ANAIS D

EDUCAÇÃO



III Seminário Internacional de História e Educação: Democracia e Cidadania em Tempos de Neoconservadorismo

CEEINTER
CENTRO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES

Exposição Expressões Visuais dos Povos da Amazônia realizada em 09/08/2022 - Parintins/Am.
Foto: Irian Butel

A ação denominada EXPOSIÇÃO EXPRESSÕES VISUAIS DOS POVOS DA AMAZÔNIA é produzida a partir dos conceitos: pesquisa, criação e materialização. O processo criativo dos alunos foi alimentado por referências textuais e visuais e ganham materialidade por meio das expressões artísticas como pintura e desenho. E foi realizada no dia 09/07/2022, data que marca o dia dos Povos Indígenas no calendário da Secretaria de Educação – SEDUC/AM.

Assim, unimos os saberes técnicos oriundos de um processo de leitura e pesquisa de fontes, aos conceitos socioambientais de produção limpa. Os artistas que compõem a exposição são alunos das turmas de 6º ano do turno matutino da Escola Estadual São José Operário – Parintins/AM.

A exposição permitiu trabalhar a oralidade, por meio da explanação dos trabalhos realizados pelos alunos, de forma que cada mito de criação foi recontado ao público presente; cada cerâmica produzida teve seu processo de produção narrado aos ouvintes; e a visita técnica ganhou outros olhares e apreciação ao ser reproduzida pelos alunos em seus discursos apreciativos e agora, também, investigativos. É o resultado visual desenvolvido ao longo seis meses de trabalho.

No conjunto de resultados alcançados, salientamos dados obtidos por meio de um questionário simples, composto por duas perguntas apenas: 1. Qual o conteúdo de História que você mais gostou?; 2. Quais as fases/eixos desse conteúdo?

Os questionamentos foram respondidos por 53 alunos dos sextos anos, sendo 29 alunos do 6º ano 1 e 24 alunos do 6º ano 2. Obtivemos a s seguintes respostas



III Seminário Internacional de História e Educação: Democracia e Cidadania em Tempos de Neoconservadorismo

CEEINTER
CENTRO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES

1. Qual o conteúdo de História que você mais gostou?



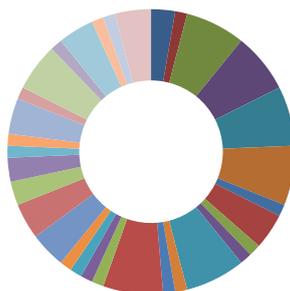
- Povoadores da Terra
- Povoadores da América
- Povos da Amazônia
- Egito e Kush
- Mesopotamia
- Grécia e Roma
- Incas, Maias e Astecas
- Fontes históricas
- Não respondeu



**III Seminário Internacional de História e Educação:
Democracia e Cidadania em Tempos de Neoconservadorismo**



2. Quais as fases/eixos desse conteúdo?



- | | |
|-------------------------------------|---|
| ■ Império Romano | ■ Sumérios |
| ■ Aula Passeio | ■ Oficina de produção visual |
| ■ Diagrama Visual | ■ Mito de criação dos povos da Amazônia |
| ■ Evolucionismo e criaçãoismo | ■ Teorias de povoamento da América |
| ■ Niede Guidon | ■ Domesticação de sementes e animais |
| ■ Arqueologia | ■ Farós Negros |
| ■ Antiguidade Clássica | ■ Democracia Ateniense |
| ■ Conquistas da plebe | ■ Roubo de tesouros arqueológicos |
| ■ Os primeiros hominídeos | ■ A descoberta do fogo |
| ■ Características das cidades Maias | ■ Astronomia |
| ■ Cidades Incas | ■ Kipu |

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante os seis meses de trabalho, buscamos estabelecer um trânsito pelos saberes ancestrais e acadêmicos para construção de conhecimento histórico, prático, cultural e estético sobre os povos indígenas.

Neste período realizamos pesquisa para a elaboração do conteúdo a ser trabalhado em sala de aula e organizamos o processo de formação e oficinas com os professores da rede escolar.

Ao final do processo, fizemos uma avaliação dos resultados levantados no período e produzimos um relatório das atividades. Os resultados preliminares foram aqui esboçados e este artigo servirá como um processo de avaliação crítica do trabalho empreendido.



III Seminário Internacional de História e Educação: Democracia e Cidadania em Tempos de Neoconservadorismo



De antemão notamos um ponto que deve servir para o aprimoramento das nossas próximas etapas:

Há uma deficiência no aprendizado da ciência Histórica que atinge os próprios educadores atuantes na escola. Muitos não tiveram informação sobre antiguidade do homem brasileiro, a pré-história do nosso continente e, por consequência, desconhecem a importância dos costumes indígenas na construção do próprio país (FUNARI & PINÓN, 2011).

Neste sentido, destacamos a importância da formação em História para todo o corpo docente. É necessário atingir de maneira propositiva todos os professores, de todas as disciplinas, tais como Educação Física, Religião, Geografia e desta forma construir uma parceria multidisciplinar e que permita diálogos transdisciplinares muito mais efetivos.

Logo, uma das pretensões deste trabalho é fornecer subsídios para mostrar aos educadores a importância do trabalho conjunto entre as ciências, história, geográfica, cultura, artes e linguística para a compreensão dos indígenas na sociedade brasileira contemporânea.

Sabemos que estar diante de jovens inquietos em um cenário de alta complexidade social é um desafio para os profissionais da educação. Uma tarefa ainda mais complicada para professores que enfrentam cotidianamente as desigualdades em uma sociedade que mescla modernidade e arcaísmos, contradições estas não dissimuladas e que dificultam o estabelecimento de relações com os tempos históricos (BITTENCOURT, 2021).

Um cenário ainda mais complexo, ao considerarmos as mudanças políticas e econômicas ocorridas nos últimos anos, que causaram muita perplexidade entre estudantes e professores. Fatos que levaram mesmo ao ceticismo com relação ao conhecimento histórico na sociedade contemporânea e mesmo desconfiança quanto ao seu potencial transformador.

Mesmo assim, diante de um presente repleto de contradições, um futuro instável e um passado confuso e fragmentado, acreditamos que a História pode funcionar como uma ferramenta de reflexão constante sobre nossa existência.

A História pode e necessita ser defendida, ainda mais em um contexto em que a mentira ganha uma grande dimensão a partir da divulgação sistemática de informações falsas e fantasiosas. Sem contar as inúmeras tentativas recentes de se alterar ou negar fatos indiscutíveis de nossa história (PINSKY & PINSKI, 2021).



III Seminário Internacional de História e Educação: Democracia e Cidadania em Tempos de Neoconservadorismo

CEEINTER
CENTRO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES

Por isso, o passado foi tratado neste projeto a partir de questões que inquietassem os alunos no presente, caso contrário, poderíamos tornar o estudo em algo sem sentido e distante. Buscamos assim, estabelecer um duplo compromisso nas aulas de História: com o presente e com o passado.

Ponto este que nos levou a considerar a cultura material e suas diferentes formas de manifestação, enfocada ao longo do processo de aprendizado neste projeto, como indutoras de aprendizado em história (PINSKY & PINSKY, 2004 e 2021; ABUD in PACHECO, 2017; FUNARI in PINSKY & PINSKY, 2021).

E, por fim, acreditamos no potencial humanista da ciência histórica. Através dela é possível refletir e conhecer de maneira profunda os movimentos que estão sendo executados no mundo, ou como o historiador Hobsbawn destacou: “Ser membro de uma comunidade humana é situar-se em relação ao seu passado” (HOBSBAWN, 1998, p. 22).

Um ensino do passado no presente, que considere a transmissão do conhecimento e que, ao mesmo tempo, atenda as novas demandas sociais que surgem (PACHECO, 2017). Que considere as múltiplas identidades culturais e o potencial do sujeito político, que adote a difusão dos saberes de forma ampla, sejam eles factuais, conceituais e procedimentais. E que ofereça uma trilha para uma sociedade livre e solidária.

REFERÊNCIAS

ABUD, Katia Maria. Apresentação. In: PACHECO, Ricardo de Aguiar. *Ensino de História e Patrimônio Cultural: um percurso docente*. Jundiaí: Paco, 2017.

BIANCHEZZI, Clarice; SANTOS, Adriano Márcio dos; BASSI, Filippo Stampanoni; LIMA, Helena Pinto; MACHADO, Michel Carvalho; CRUZ, Alef Fernandes; BATISTA FILHO, Arnoud de Oliveira; PAIVA, Maurício de. *Fragmentos: arqueologia, memórias e histórias de Parintins*. 1. ed. – Parintins, AM: Eskenazi Gráfica, 2021. 64 p. il.; Color.

BITTENCOURT, Antônio C.R. *Memória do Município de Parintins: estudos históricos sobre seu desenvolvimento moral e material/ Antônio C. R. Bittencourt (fac-similado)*. Manaus: Edições. Governo do Estado do Amazonas Cultura e Desporto, 20021.

BITTENCOURT, Circe (org.). *O saber histórico em sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2021. BOULOS, Alfredo Júnior. *História sociedade & Cidadania: 6 ano: ensino fundamental: anos finais*. a 4 ed. – São Paulo: FDT, 2018.



III Seminário Internacional de História e Educação: Democracia e Cidadania em Tempos de Neoconservadorismo

CEEINTER
CENTRO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES

BRASIL. Lei n. 11.645 de 10 de março de 2008, que altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. Disponível em: . Acesso em: 20 Fev. 2022.

COOPER, Hilary. Aprendendo e ensinando sobre o passado a crianças de três a oito anos. *Educar em Revista*. Curitiba, PR: Ed. UFPR, n. 164, 2006 (Dossiê: Educação Histórica).
NEVES, Eduardo Góes. *Sob os tempos do equinócio: oito mil anos de história na Amazônia Central*. São Paulo: UBU Editora, 2022.

FUNARI, Pedro Paulo A. & PINÓN, Ana. *A temática indígena na escola: subsídios para os professores*. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

FUNARTE. *Arte e corpo: Pintura sobre a pele e adornos de povos indígenas brasileiros* (Funarte 1985).

HOBSBAWN, Eric. O sentido do passado. In: *Sobre História*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1998.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane. *Guia Básico de Educação Patrimonial*. Brasília, IPHAN, Museu Imperial, 1999.

Laboratório de Arqueologia Pública Paulo Duarte. *Arqueologia: uma atividade muito divertida*. Campinas: Caluh, 2014

OLIVEIRA, Paulo Ferraz Camargo. *Identidade em ação: projetos integradores*. São Paulo: Moderna, 2018.

PACHECO, Ricardo de Aguiar. *Ensino de História e Patrimônio Cultural: um percurso docente*. Jundiaí: Paco, 2017.

PARINTINS/IDH. Disponível em: cidades.ibge.gov.br

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. Por uma história prazerosa e consequente. In: KARNAL, Leandro (org.). *História na sala de aula*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 17-48.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (orgs.). *Novos combates pela História: desafios/ensino*. São Paulo: Contexto, 2021.

POVOS INDÍGENAS. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/atuacao/povos-indigenas/quem-sao>